

A PERMANÊNCIA DE WILLIAM JAMES¹

Hilary Putnam

Tradução de Clayton Foschiani

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – Brasil

clayton@foschiani.net

William James é um personagem que simplesmente não desaparece. Além de nunca ter sido esquecido, as reações ao seu trabalho, após sua morte, tanto as favoráveis quanto as desfavoráveis, têm sido surpreendentemente passionais. Em *History of Western Philosophy*, Bertrand Russell afirma que a visão de James sobre a Verdade é ridícula. No entanto, um grande contemporâneo de Russell escreveu:

A visão que me parece reconciliar as tendências materialistas da psicologia com as tendências anti-materialistas da física é a visão dos ... novos realistas americanos ... Suas opiniões ... são em grande parte derivadas de William James, e antes de prosseguir seria bom considerar a doutrina revolucionária que ele propôs. Acredito que essa doutrina contem verdades novas e importantes, e aquilo que irei dizer será em grande parte inspirada por ela.²

E quem era esse contemporâneo? Ninguém menos que o próprio Russell! O Russell que escreveu *The Analysis of Mind*. (Fazendo justiça a Russell, não há contradição aqui; Russell desprezava a visão de James sobre a Verdade, a qual ele apresenta apenas uma caricatura, mas admirava o “monismo neutro” de James - termo usado por Russell para o que James chamou de “empirismo radical.” De fato, I.B. Cohen recentemente me contou que quando Russell conferenciou em Harvard no ano de 1936, “havia dois heróis em suas conferências - Platão e James”). Já num período mais próximo de nós, em 1983, Martin Gardner, o famoso colunista sobre problemas matemáticos para a *Scientific American* e responsável por desmascarar a telepatia e outras coisas consideradas ciências fraudulentas por ele, dedicou um capítulo de seu livro sobre suas próprias convicções filosóficas³ para criticar a definição de Verdade de James. (Gardner, apressado-me em dizer, não considerava James uma fraude, mas ele pensava ser correto que “[H]avia uma cegueira por parte de James ... relacionada a uma confusão inevitável de quando um filósofo toma uma palavra com um significado compreendido por todos e dá a ela um significado novo e novelístico. Pragmatistas certamente acreditavam que a redefinição da verdade como ponto de encontro dos testes pela verdade [sic] produziria grandes benefícios, mas que os resultados reais foram décadas de debates atônitos nos quais eles desperdiçaram uma incrível quantidade de tempo.”⁴ No mesmo ano (1983) Jaques Barzun publicou um texto maravilhoso, *A Stroll with William James*, em apreciação à

¹ Primeiro capítulo do livro *Pragmatism*, de Hilary Putnam (Oxford, UK and Cambridge, USA: Blackwell Publishers, 1995).

² *The Analysis of Mind* (London: George Allen and Unwin, 1921), p.22.

³ *The WHYS of a Philosophical Scrivener* (New York: William Morrow and Co., 1983).

⁴ *Ibid.* p. 45.

“originalidade e força de pensamento pela qual James procurou e dominou algumas das velhas esfinges que desafiam os viajantes terrestres, sempre ao risco de morte.”⁵

O propósito que me leva a aumentar essa nuvem de críticas e elogios que flutua ao redor da figura de James não é simplesmente uma homenagem a um predecessor. Acredito que James foi um pensador poderoso, tão poderoso quanto qualquer outro do século passado, e que seu modo de filosofar contém possibilidades por muito tempo negligenciadas, e que esse modo de filosofar mostra saídas para velhas amarras filosóficas que continuam a nos afligir. Em resumo, acredito que esse seja o grande momento de prestarmos atenção ao Pragmatismo, o movimento do qual James foi possivelmente o maior expoente.

Apresso-me em acrescentar - para seu alívio, tenho certeza - que a presente conferência não pretende ser o estudo penetrante e detalhado que precisamos. Ele é, na verdade, um anúncio para esse projeto, uma apresentação para se pensar, *prima facie*, que tal projeto é digno.

Posso começar indicando uma das razões pelas quais a filosofia de James evoca respostas tão contraditórias. Uma das principais características da filosofia de James é seu Holismo: há uma óbvia, se não implícita, rejeição de muitos dualismos famosos: fato, valor e teoria são todos vistos por James⁶ como interdependentes e interpenetráveis. (Na terceira conferência, irei defender a ideia de que a interpretação – de significados e de formas de vida – e o conhecimento dos fatos interpenetram-se da mesma forma, mantendo uma orientação que acredito seria aprovada por James.) Outra característica de sua filosofia - uma que confundiu ao menos um de seus seguidores⁷ - é uma forte inclinação àquilo que filósofos costumavam chamar de realismo direto, ou seja, a doutrina de que a percepção é (normalmente) de objetos e eventos “externos”, e não de “dados sensoriais” privados. Holismo e realismo direto podem parecer inconsistentes: é assim que o filósofo oxfordiano Schiller, o seguidor mencionado anteriormente, o via. Para ele, o realismo representava algum tipo de recaída de James, e também foi assim que isso pareceu a Bertrand Russell, para quem eles representavam dois momentos distintos do pensamento de James, o primeiro incorreto e o segundo repleto de *insights*. É minha convicção, e também de a Ruth Anna Putnam, que está colaborando comigo num estudo da filosofia de James, que esses dois aspectos da filosofia de James, longe de serem inconsistentes, são interdependentes; um pressupõe o outro, e cada um deles é necessário para a interpretação satisfatória do outro. No entanto, não tentarei comprovar essa interpretação em detalhes; ao contrário, tentarei apenas fornecer uma ideia do que cada um deles significa.

⁵ A Stroll with William James (New York: Harper & Row, 1983), p. 5.

⁶ Sobre a interpretação de fato e valor, ver, por exemplo, “The Place of Affectional Facts in a World of Pure Experience” em *Essays on Radical Empiricism* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1976) que também ataca o dualismo de eventos “internos” e “externos”. Eu discuto a interpenetração de fato e valor na terceira conferência desta série; a afirmação de que nossa concepção de algum fato envolve uma concepção das consequências regulatórias (como a coisa em questão deverá se comportar) estava no centro da “máxima pragmática” de Peirce citada por James no *Pragmatismo*. James também ataca a ideia do conhecimento introspectivo incorrigível: “Se ter pensamentos e sentimentos na sua imediatidade fosse suficiente, os bebês no berço seriam psicólogos, e infalíveis. Mas, o psicólogo deve ter seus estados mentais não somente na sua verdade, mas também ele deve reportá-los e escrever sobre eles, classificá-los e compará-los e traçar suas relações com outras coisas ... E se nesse nomear, classificar, e conhecer das coisas em geral nós somos notoriamente falíveis, por que não aqui também?” *Principles of Psychology I* (New York: Dover, 1950), pp.189-190.

⁷ Em uma carta endereçada a James, Strong informa que F.C.S. Schiller “não foi capaz de entender” o texto “A World More About Truth” (repblicado em *The Meaning of Truth*).

Verdade

O trecho que é frequentemente tirado de contexto e usado como arma para nocautear James é o seguinte: “A verdade é somente o conveniente em nossa maneira de pensar ... no longo prazo e certamente em tudo o mais.” Isso é, palavra por palavra, como Russell a cita. Como os críticos a lêem, James está dizendo que, se as consequências em acreditar que p são boas para a humanidade,⁸ então p é verdadeiro. Desta forma, Russell pôde escrever, “eu tenho grandes dificuldades intelectuais com essa doutrina. Ela assume que uma crença é verdadeira quando seus efeitos são bons.”⁹ Mas, não é isso que James quer dizer; na verdade, não é nem mesmo isso que James diz. O que ele realmente escreveu foi:

“O verdadeiro,” resumidamente, é somente o conveniente em nossa maneira de pensar, assim como “o correto” é somente o conveniente em nossa maneira de se comportar. Conveniente de quase todas as formas, e conveniente no longo prazo e certamente em tudo o mais, pois tudo aquilo que satisfaz convenientemente a experiência atual, não irá necessariamente satisfazer com plenitude todas as experiências futuras. A experiência, como sabemos, possui maneiras de transbordar, e nos fazer corrigir as fórmulas atuais.¹⁰

Não vou forçar a paciência de vocês com uma análise minuciosa do texto – eu irei, todavia, dizer dogmaticamente aquilo que penso ser a intenção de James, sem organizar evidências textuais – mas, não resisto destacar como a leitura incorreta de Russell se parece também com a frequente leitura incorreta de uma famosa passagem de Wittgenstein. Wittgenstein escreveu “Para uma grande classe de casos – embora não para todos eles – em que nós utilizamos a palavra ‘significação’ podemos defini-la da seguinte maneira: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem.”¹¹ Neste caso, muitos comentadores simplesmente ignoram “embora não para todos eles”¹², e também substituem suas próprias noções sobre o que “uso” significa para Wittgenstein, e acabam dizendo que Wittgenstein propôs a “teoria” que diz que “significado é uso” – já num momento em que toda possibilidade de se entender o que realmente Wittgenstein está querendo dizer desaparece! Do mesmo modo Russell ignora “resumidamente” e “conveniente de quase todas as formas” – indicações óbvias de que o que temos nesse caso é um enunciado temático, e não uma tentativa de formular uma definição de “verdade” – e também substituem suas próprias noções do que significa “conveniente” para James, e terminam dizendo que James propôs a teoria de que “a verdade” significa “ter boas consequências” – momento em que se encerra a possibilidade de se entender aquilo que realmente James está dizendo!

⁸ Alguns críticos até mesmo lêem James afirmando - mesmo contrário aos repetidos enunciados, explícitos e implícitos, em seus textos - de que se as consequências de se acreditar em p são boas para você, então p é “verdadeiro para você”. Deixe-me dizer de uma vez por todas que James nunca usou as noções “verdadeiro para você” ou “verdadeiro para mim”. A verdade, ele insistia, é uma noção que pressupõe uma comunidade, e, como Peirce, ele sustentava que fosse uma comunidade o mais ampla possível, uma comunidade de todas as pessoas (e possivelmente de todos os seres conscientes) no longo prazo, é a única relevante. Observe que até mesmo Russell, ao caricaturar a posição de James sobre a Verdade, não comete esse erro.

⁹ Bertrand Russell, *A History of Western Philosophy* (New York: Simon & Schuster, 1945), p.817.

¹⁰ *Pragmatismo e The Meaning of Truth* (edição mono volume) (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978), p.106. Ênfase do original.

¹¹ *Investigações Filosóficas* § 43.

¹² N.T. O texto original diz: “... wenn auch nicht für alle Fälle seiner Benützung”. A tradução deste trecho para o inglês, citada por Putnam, é “though not for all”. Optei por realizar a tradução de outra tradução (alemão - inglês), pois o argumento de Putnam não faria sentido com a tradução portuguesa. Assim, a tradução que utilizo, “embora não para todos eles”, tem origem na versão inglesa, “though not for all”. A tradução para o português do trecho diz “se não para todos os casos de sua utilização”. Cf. Wittgenstein, Ludwig. *Investigações Filosóficas* / Ludwig Wittgenstein ; tradução de Jose Carlos Bruni. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

O fato é que a Filosofia de James não pode ser resumida tanto quanto não o pode a Filosofia de Wittgenstein. No entanto, aquilo que procede enunciados temáticos, como esse a pouco citado¹³ do texto de James e presentes em outros textos, são discussões sobre os principais tipos de enunciados, por exemplo, enunciados sobre o Memorial Hall e sobre outros objetos percebidos, enunciados sobre os objetos mais abstratos, como por exemplo a elasticidade do relógio na primavera, enunciados nas teorias físicas contemporâneas, enunciados matemáticos, enunciados éticos e enunciados religiosos. O que acontece é que diferentes tipos de enunciados correspondem a diferentes tipos de “conveniências”; não é sugerido que um enunciado arbitrário seja verdadeiro se for conveniente de qualquer maneira (nem mesmo “a longo prazo”). Por exemplo, a visão frequentemente atribuída a James – que um enunciado é verdadeiro se tornar as pessoas que acreditam nele felizes subjetivamente – é explicitamente negado por ele.¹⁴ No caso de enunciados-de-fato paradigmáticos, incluindo os científicos, o tipo de conveniência que James repetidamente mencionou foi sua utilidade para a previsão,¹⁵ enquanto outras exigências - conservação da doutrina anterior,¹⁶ simplicidade,¹⁷ e coerência (“tudo aquilo que preenche a vida de melhor e combina com as demandas coletivas da experiência, nada sendo omitido”¹⁸, p.44) se aplicam a todos os tipos de enunciados. A afirmação de Quine¹⁹ de que o êxito na satisfação simultânea dessas exigências é uma questão de concessões ao invés de regras formais é também uma ideia de James.²⁰

Uma segunda crítica de James – uma que algumas vezes foi feita por admiradores como Morton White, mas também por críticos como Martin Gardner – seria a de que ele realmente fala de *confirmação* e não sobre Verdade. James nos fornece uma definição de confirmação, dizem eles, mas ele acredita incorretamente que está deixando uma definição de verdade. Os críticos ainda afirmam que o problema com a formulação de uma definição de verdade foi solucionado no século XX pelo grande lógico Alfred Tarski. Eu acredito²¹ que apesar da grande contribuição técnica de Tarski, seu trabalho não faz nada para explicar a noção de verdade, porém esse não é o tópico aqui. Embora James não seja culpado de confundir confirmação com verdade,²² ele certamente acredita que há uma conexão íntima entre eles.

Essa conexão existe pela seguinte razão: dizer que a verdade é “a correspondência com a realidade” não é falso, mas sim vazio, até que se defina o que vem a ser “correspondência.” Se a “correspondência” for completamente independente dos modos como confirmamos as asserções que fazemos (de forma que se conceba a possibilidade de que aquilo que é

¹³ Outro famoso enunciado temático, “Verdadeiro é o nome de qualquer coisa que se prove bom em si mesmo no caminho da crença, e bom, também, por razões fixas definidas” (*Pragmatismo*, p.43) Observe que James não diz “por quaisquer razões” - ele seguirá dizendo quais são essas “razões fixas definidas” - ainda assim, frequentemente lêem-no como se ele estivesse dizendo “por quaisquer razões”!

¹⁴ *The Meaning of Truth*, p.72, na edição mono-volume de Harvard é citada na nota 12 acima (na edição de Harvard com volumes separados, p.106).

¹⁵ “(...) uma extraordinária fertilidade em consequências verificáveis pelo sentir”, *Pragmatismo*, p.91

¹⁶ “Nós mantemos inalterados parte do velho conhecimento assim como muito de nossas velhas crenças e preconceitos, o tanto quanto podemos”, *ibid.* p.83.

¹⁷ “Uma nova crença é tida como ‘verdadeira’ na mesma proporção em que ela gratifica o desejo do indivíduo de assimilar a novidade à sua experiência e a suas crenças em estoque”, *ibid.* p.36.

¹⁸ *ibid.* p.44.

¹⁹ Cf. “Two Dogmas of Empiricism” em *From a logical point of view* de Quine. (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1953). [NT. *Dois Dogmas do Empirismo*. In. Col. ‘Os Pensadores’. São Paulo: Abril Cultural, 1975. pp. 237-254.]

²⁰ Ademais, James insiste que a “satisfação” subjetiva é irrelevante a menos que “a realidade também seja conduzida acidentalmente”, *The Meaning of Truth*, edição citada, p.272 [106]. Isso está, obviamente, conectado com o realismo de James, discutido na sequência.

²¹ Cf. O cap.4 do meu *Representation and Reality* para uma discussão crítica da pretensa importância filosófica do trabalho de A. Tarski

²² James tem consciência dessa acusação, e ele responde a ela, *ibid.* p. 274 [108].

verdadeiro é completamente diferente daquilo que nós garantimos ao tomá-las como verdadeiras, não apenas em alguns casos, mas em todos os casos), então a “correspondência” é oculta, e nossa suposta compreensão também é oculta. James acreditava que a verdade deve ser de tal maneira que seja possível dizer como compreendê-la. E como Peirce, ele frequentemente identifica a verdade com a “opinião final”, ou seja, não com o que é confirmado hoje, mas com aquilo que está determinado a ser confirmado. Se a investigação continuar por tempo suficiente, e de modo responsável e falibilista. A verdade é “o destino do pensamento”, escreveu James. E completou, “O único critério objetivo da realidade é a coercitividade sobre o pensamento a longo prazo.”²³

Certamente, essa é uma posição muito problemática, embora muitos dos seus diversos elementos continuem a ser reinventados e arduamente discutidos nos dias de hoje por filósofos que raramente mencionam James. Gostaria de observar que essas questões - a relação de verdade, afirmabilidade garantida, credibilidade permanente, para o quê a investigação deve convergir quando conduzida de forma correta, etc. - aparecem atualmente em livros e textos dos Putnams, de Michell Dummett, Nelson Goodman, Richard Rorty, e Bernard Williams, todos com posições diferentes e por vezes até opostas, mas todos engajados no ponto que James já havia insistido, de que nosso entendimento da noção de verdade não pode ser representado simplesmente como um ato mental misterioso pelo qual nós interagimos com uma relação chamada “correspondência”, que é totalmente independente da prática pela qual decidimos o que é e o que não é verdade.

Com certeza, a rejeição desse tipo de realismo metafísico não nos obriga a seguir os pragmatistas na identificação da verdade com o que é verificável a longo prazo (ou que poderia ser verificado). Ao contrário dos pragmatistas, não acredito que a verdade possa ser definida em termos de verificação. (Leitores interessados na minha mais recente definição do conceito de verdade o encontrarão nas Conferências Dewey, “Sense, Nonsense, and the Senses; An Inquiry into the Powers of the Human Mind”²⁴.) No entanto, concordo com eles que verdade e significação não são noções simplesmente independentes e desvinculadas. Por exemplo, saber o que verificar quando se tem uma cadeira a frente envolve saber como uma cadeira se parece, para o quê a utilizamos, e o que se sente quando nela sentamos. Porém, alguém que seja desprovido dessas habilidades - porque esse tipo de conhecimento é apenas a posse de um conjunto de habilidades práticas - não é apenas desprovido da habilidade de confirmar a declaração “Há uma cadeira na minha frente”; tal pessoa ainda seria desprovida do próprio conceito de cadeira, e desta forma seria desprovida da habilidade de entender o que é necessário para que a afirmação “Há uma cadeira a minha frente” seja verdadeira.

Não pretendo sugerir que um enunciado só pode ser entendido se se souber como confirmá-lo. Contudo, mesmo considerando um enunciado que tenha um modo de confirmação ainda desconhecido (digamos, “Não há vida extraterrestre inteligente”), o fato é que os conceitos que empregamos são conceitos que aparecem em outros enunciados e em enunciados mais simples, e que nós não sabemos como verificar. Essa nossa habilidade de entender tal enunciado ‘inverificável’ não é uma habilidade infundada. Entender o que é a verdade em um determinado caso e entender o que é a confirmação são habilidades inter-

²³Cf. “Spencer’s Definition of Mind as Correspondence,” em *Essays in Philosophy* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978), p.21. Acrescento que nesse ensaio (de 1878) James esclarece que aquilo que é “destinado” a ser pensado não é estritamente predeterminado; a doutrina de James de que nós ajudamos a determinar aquilo que se tornará “coercitivo sobre o pensamento” está visivelmente presente no ensaio. No *Pragmatismo*, esse sentido da verdade se torna uma “noção reguladora” e deixa de ser algo que certamente alcançaremos.

²⁴ Elas foram publicadas como um dos números do *Journal of Philosophy* de 1994. Ver, especialmente, a terceira conferência, “The Face of Cognition”.

relacionadas, e isso é algo que os pragmatistas estão entre os primeiros a ressaltar, mesmo que (como todo filósofo que é pioneiro na formulação de um insight) eles tenham formulado suas ideias com simplicidade. A “teoria da Verdade” de James pode ser que esteja errada, mas ele sabia perfeitamente bem a diferença entre a verdade e a confirmação, e ele não meramente confundiu as duas. Ele acreditava que, já que nossas afirmações adquirem sua substância a partir dos diferentes papéis que desempenham em nossas vidas, uma definição da verdade irá adquirir sua substância a partir de uma definição concomitante de como alcançá-la. Como ele mesmo diz, “Se eu te digo como chegar à estação de trem, não estaria eu também implicitamente apresentando a você qual é a natureza e a função daquele edifício?”²⁵

Holismo

Como expliquei até aqui, a posição de James pode soar como um positivismo, e a verdade é que um dos primeiros desentendimentos sobre o Pragmatismo discutidos por James em “The Pragmatist Account of Truth and its Misunderstandings”²⁶ é que o “Pragmatismo é somente uma re-edição do positivismo.”²⁷ A resposta de James procura dissociar sua filosofia do fenomenalismo presente no positivismo da época (Mach). Os pragmatistas não afirmam que o conhecimento está confinado à sucessão de nossas sensações. Mas, os neopositivistas de hoje (espero que Van Quine não objete, caso eu o classifique como tal) não são mais fenomenalistas do que James o era, e eu já havia dito que, ao menos no caso de enunciados científicos, tanto James quanto Quine vêem a afirmabilidade garantida como uma questão de compensações entre exigências muito similares – predição, conservação de doutrinas antigas, simplicidade e coerência geral. Por essa mesma razão, é necessário distinguir a posição de James da posição dos neopositivistas, se pretendemos demonstrar sua importância para a atualidade.

A diferença está ligada à rejeição de famosos dualismos - fato e valor, fato e teoria, fato e interpretação - mencionados no início deste texto. A propósito, essa rejeição é o primeiro tema pragmatista ao qual fui exposto em minha própria formação de graduação. Essa educação aconteceu na Universidade da Pensilvânia, e um dos estudantes de James, A.E. Singer Jr., foi um professor famoso no departamento por muitos anos. Embora Singer já estivesse aposentado quando entrei na universidade, ele ainda vivia na Filadélfia, e alguns dos membros mais velhos do departamento visitavam-no regularmente. Um desses membros, C. West Churchman, escrevia na lousa os quatro seguintes princípios, os quais ele atribuía a Singer:

- (1) O conhecimento dos fatos pressupõe o conhecimento de teorias;
- (2) O conhecimento de teorias pressupõe conhecimento dos fatos;
- (3) O conhecimento dos fatos pressupõe o conhecimento de valores;
- (4) O conhecimento de valores pressupõe o conhecimento dos fatos;

e eu tenho certeza que o professor de Singer, William James, concordaria!

O item (1) não é mais controverso, embora muito tenha sido nos tempos de James (e até mesmo algumas décadas depois de sua morte, quando a ideia de sentenças protocolares, informações diretas da experiência não contaminadas por teorias, foram defendidas por alguns

²⁵ Esse é o começo da resposta de James ao sexto dos sete “desentendimentos sobre o Pragmatismo”: “Sexto desentendimento: O Pragmatismo não explica o que a verdade é, mas somente como se chega a ela.” Cf. *The Meaning of Truth*, edição citada, pp.274-275 [108-109].

²⁶ Esse é o Capítulo VIII de *The Meaning of Truth*.

²⁷ *Ibid.*, p. 266 [100].

membros do Circulo de Viena). No entanto, (3) é tão controverso nos dias de hoje quanto o foi na época; dessa forma, gostaria de expor algumas razões para aceitá-lo.

Uma exigência, aceita tanto por Pragmatistas quanto por Neopositivistas, é a *coerência*.²⁸ Mas, o que é um conjunto de crenças “coerentes”? A mera consistência dedutiva dificilmente é suficiente; todavia, não está totalmente claro por que positivistas precisam mesmo *disso*. (Se o objetivo fundamental da ciência é a *predição*, não seria esse fim talvez alcançado de forma mais eficiente se nós permitíssemos uma pluralidade de teorias, cada uma consistente e bem-sucedida em seu próprio domínio, mesmo que sua conjunção não seja consistente? Nós poderíamos simplesmente proibir a conjunção de enunciados de diferentes grupos de teorias, salvo licenças especiais - de fato, esta é a posição defendida pelo filósofo de Princeton Bas Van Fraassen). O fato é que a coerência só tem sentido como exigência precisamente porque nós vemos nosso sistema de conhecimento como algo que vai *além* de um maquinário de predição; nós objetivamos um *Weltanschauung*. Como James observa, “Uma explicação *outrée*, que viola todas as nossas preconceções, nunca passaria como uma definição verdadeira ... Nós precisaríamos garimpar laboriosamente até que encontrássemos algo menos excêntrico.”²⁹

Entretanto, aquilo que é explanatório e aquilo que é “outrée” são em si mesmos frequentemente matéria de discórdia, mesmo nas ciências mais severas. A forma atual da mecânica quântica é produto de duas conferências realizadas em Solveg nos anos trinta - e essas conferências discutiam questões filosóficas tanto quanto discutiam questões da Física! Ademais, a *Weltanschauung* da mecânica quântica que emergiu da segunda conferência de Solveg - a “interpretação de Copenhague” - permanece controversa ainda nos dias de hoje. Uma minoria substancial de cosmólogos a abandonou em favor da chamada “Interpretação dos diversos mundos” - uma interpretação que implica, entre outras coisas, que existam “mundos paralelos”, incluindo, muito provavelmente, um onde a America ainda é colônia inglesa e onde a revolução nunca aconteceu, etc.! Para mim, a interpretação dos diversos mundos é simplesmente muito “outrée”, tenho que admitir. No entanto, ambos os lados admitem que o que está em jogo não é a predição. O que está em jogo é precisamente aquilo que é explanatório e aquilo que não é, aquilo que é coerente e aquilo que não é. E quando essas disputas surgem num nível fundamental elas simplesmente atravessam fronteiras, questões filosóficas se misturam a questões científicas, e preocupações metafísicas e culturais desempenham um determinado papel. James descreve precisamente essa situação quando escreve:

Novas verdades são sempre intermediárias, suavizando as transições. Elas casam as antigas opiniões com os novos fatos de modo que as opiniões sofram o mínimo de solavancos. E um máximo de continuidade. Nós assumimos uma teoria como verdadeira na mesma proporção em que ela consegue solucionar esse problema de “máxima e mínima”. Mas, o sucesso na solução deste problema é eminentemente um problema de aproximação [comparada às compensações de Quine]. Nós dizemos que essa teoria soluciona mais satisfatoriamente o problema na sua totalidade do que a outra teoria; mas, isso significa mais satisfatoriamente para nós mesmos, e indivíduos enfatizarão seus pontos de satisfação de maneiras diferentes. Até certo ponto, portanto, tudo aqui é plástico.³⁰

²⁸ Observe, contudo, que a noção de coerência de James (“aquilo que melhor se adapta a todas as partes da vida e a coletividade das demandas da experiência, nada sendo omitido”) envolve a “adaptação” das crenças as demandas da experiência e a vida, não apenas a outras crenças.

²⁹ *Pragmatismo*, p.35.

³⁰ Na mesma pagina da citação acima.

Notem, por favor, que não estou afirmando que as questões metodológicas e filosóficas fundamentais que estão em debate quando fazemos profundas alterações em nossos próprios paradigmas de explicação científica seriam questões éticas, mas estou afirmando que questões de valores estão envolvidas, pois a decisão sobre o que conta como “coerente” e o que conta como “outré” é, em todos os sentidos, um julgamento de valor.

Na Física, pelo menos, os filósofos da ciência empiristas gostam de afirmar que nós podemos tratar o “vocabulário observacional” como fixo, porque qualquer fenômeno físico, não importa o quanto pesquisado, deve, se demonstrado, fazer a diferença no movimento de algum objeto de médio porte, tal como nossos conhecidos discos e chapas fotográficas. (Muito embora historiadores da ciência e filósofos da ciência nos recordem que descrições do movimento desses objetos de médio porte são invariavelmente repletos de teoria.) Porém, quando se trata do estudo dos seres humanos, nem mesmo isso pode ser assumido. Nós classificamos as pessoas como cruéis ou compassivas, hábeis socialmente ou ineptas, conhecedoras ou novatas, e por vezes com um enorme grau de concordância subjetiva; ainda assim, não há nenhuma razão para se pensar que essas classificações podem ser reduzidas a algum vocabulário fisicalista fixo.³¹ Ademais, algumas dessas classificações são classificações de fenômenos dos quais a própria existência são parcialmente iniciadas e mantidas por essas classificações. Daniel Bell tem denominado essa classe de fenômenos, por vezes, de “classe construída.” Por exemplo, (exemplo fornecido pelo próprio Bell), o sexo é um fenômeno biológico, mas o gênero é um fenômeno “construído”; as pessoas são classificadas em masculino ou feminino pela biologia, mas se elas são classificadas como “virginal” ou “cavalheiresco” é uma questão cultural, e, como sabemos, os comportamentos aptos a serem classificados como tais improvavelmente persistirão a não ser que as próprias classificações persistam. Se elas persistirão, dificilmente o será independente da aceitação ou rejeição das avaliações que tais classificações pressupõem. Igualmente, é provável que “sentir pena” de alguém em determinada circunstância seja uma capacidade biológica inata, mas “ser um indivíduo compassivo” não é uma possibilidade na ausência de uma cultura que classifica o comportamento humano sob certas regras, e que partilha da avaliação subentendida por tais regras. Não existe uma “totalidade de fatos observacionais” fixos por antecipação que devem ser descritos; o que há, mesmo no nível dos fatos observacionais, depende parcialmente das culturas que criamos, e isso implica nas linguagens que criaremos. Como diz James:

Eu, sinceramente, não consigo escapar à consideração, forçada em mim a todo momento, de que o conhecedor não é simplesmente um espelho flutuando sem nenhum suporte que passivamente reflete uma ordem que ele simplesmente encontra lá, existindo. O sujeito do conhecimento é um ator, de um lado coeficiente da verdade enquanto de outro ele registra a verdade que ele próprio ajuda a criar³²

Argumentei anteriormente que James estava certo (e Singer também) em pensar que as decisões sobre “fato” e “julgamentos de valor” dependem um do outro e estão condicionados entre si. E se James disse que a verdade deve ser “conveniente de quase todas as maneiras”, isso foi, eu sugeri, precisamente porque não se pode prever antecipadamente quais considerações podem provar-se relevantes a longo prazo para determinada questão. Como Vivian Walsh colocou, modificando uma metáfora de Quine, “Emprestando e adaptando uma

³¹ Cf. *Reason, Truth and History* (Cambridge: Cambridge University Press, 1983) e de John McDowell, “Are Moral Requirements Hypothetical Imperatives” *Proceedings of the Aristotelian Society*, suppl. volume 52 (1978) e “Virtue and Reason” *Monist* 62 (1979).

³² Em “Spencer’s Definition of Mind as Correspondence”, p. 21.

imagem viva de Quine, se uma teoria pode ser preta de fatos e branca de convenções, ela pode muito bem ... ser vermelha de valores.”³³

Aos quatro princípios enunciados pelo estudante de James lá em 1940, Singer poderia ter incluído mais dois, viz.:

(5) O conhecimento dos fatos pressupõe o conhecimento das interpretações

(6) O conhecimento das interpretações pressupõe o conhecimento dos fatos.

Porque falar sobre testar o sistema da teoria científica através do “teste da predição” só tem sentido quando um mundo comum e uma linguagem comum já estão em seus lugares. Para saber que você testou a mesma predição que eu testei, eu devo entender o que você diz; e isso significa que o tema da interpretação e as questões sobre fatos também se pressupõem e se condicionam entre si.

Daniel Dennett recentemente argumentou que uma instancia interpretativa é correta somente até o ponto onde é otimizada para a predição³⁴ – prever aquilo que o interpretado irá dizer e fazer; e para mim essa visão não é nada plausível. Tenho, por exemplo, convicções sobre o que exatamente Aristóteles pretendia dizer com certos argumentos; mas, eu não afirmo ser capaz de prever melhor do que qualquer outra pessoa as “disposições” de Aristóteles. (não há valor em dizer “Bom, você deve estar prevendo que se Aristóteles falasse o inglês dos nossos dias, se ele lesse a literatura filosófica atual, etc., ele diria que sua interpretação dos argumentos dele na língua atual está correta,” porque a situação hipotética é tão absurda para mim que não consigo acreditar que tal contrafactual faça sentido. Não penso que Aristóteles tenha disposições para dizer coisas no inglês de hoje! E no caso dos contemporâneos, também, há uma diferença entre interpretar os dizeres de alguém e prever qual seria sua reação a tal interpretação. Interpretações hostis, por exemplo – interpretações que procuram mostrar que o discurso em questão é vazio, ou pomposo, ou absurdo, ou hipotético, etc. – virtualmente nunca são aceitas pelo interpretado quando elas estão corretas. O fato é que, enquanto a interpretação e a predição dependem uma da outra, a interpretação não pode ser simplesmente reduzida à predição.³⁵)

Se as visões de James provocaram hostilidade, tanto durante sua vida quanto depois dela, elas também sempre atraíram partidários. E, se me permitem um palpite, a própria característica de visão de mundo de James que destaquei - a visão de fatos, teoria, valor, e interpretação como dependentes umas das outras - é uma das fontes dessa atração. Para alguns de nós, aqueles que James chamaria de “temperamento” pragmatista, essa visão parece simplesmente mais realista do que a visão daqueles que tentam convencer-nos de que os famosos dualismos devem estar corretos.

Realismo

No começo desta conferência, mencionei que, além desse ataque aos dualismos, a filosofia de James contém um tipo dominante de realismo direto, ou seja, a doutrina de que a percepção é sempre de objetos e eventos “externos”, não de um “sense-data” privado. Disse ainda que Ruth Anna Putnam e eu acreditamos que, longe de ser inconsistente, cada um desses aspectos da filosofia de James pressupõem o outro, e cada um deles é necessário para a correta interpretação do outro. O livro *Essays in Radical Empiricism*, onde James coloca sua

³³ Vivian Walsh, “Philosophy and Economics,” em *The New Palgrave; a Dictionary of Economics*, vol.3, ed. J. Eatwell, M. Milgate, and P. Newman (London: Macmillian Press, and New York: Stockton Press), 1987.

³⁴ “Real Patterns”, *Journal of Philosophy* 88, n. 1 (1991), pp.25-71.

³⁵ Esse é um tema que Jürgen Habermas vem salientando durante toda a sua carreira filosófica.

teoria do significado, constitui a parte mais técnica da filosofia de James (e, não coincidentemente, a parte que Russell tanto admirava). Por causa dessa technicalidade, e também porque não pretendo me alongar demasiadamente neste texto, não tentarei nem mesmo enunciar os detalhes. (Para aqueles que se interessarem, sugiro olharem os dois ensaios sobre James contidos na terceira parte de *Realism with a Human Face*³⁶). Entretanto, gostaria muito de dizer umas palavras sobre a relação entre esses dois elementos no pensamento de James.

Alguns de vocês certamente recordaram que o ataque às *dualités* é hoje uma das características do pensamento de Jaques Derrida, porém, nas mãos dele (ou talvez eu deva dizer “na sua caneta”, dada a implacável ênfase dele na *escrita*) isso se modifica num sentido de mundo perdido, uma perda do “hors texte”. Para Derrida, qualquer ideia de que temos acesso a um mundo exterior comum é um retorno àquilo que ele chama de “metafísica do presente”, desmerecendo as ideias de incorrigibilidade e de um pré-conceitual dado. É precisamente o fato de que James enfatiza o que ele chama de “plasticidade” da verdade, nosso papel como “coeficientes da verdade em um dos lados”, que está em equilíbrio com a insistência de que nós compartilhamos e percebemos um mundo único, com a insistência de que “nós registramos a verdade que ajudamos a criar”, que o distancia de todas as formas de Ceticismo. Na verdade, desde os primeiros escritos pragmatistas de Peirce, o Pragmatismo tem se caracterizado pelo *anti-Ceticismo*: pragmatistas afirmam que a dúvida precisa de justificação tanto quanto a crença (Peirce fez uma famosa distinção entre dúvida “real” e “filosófica”). Também tem se caracterizado pelo *falibilismo*: pragmatistas afirmam que não existem ou existirão garantias metafísicas de que nem mesmo nossas crenças mais profundas precisarão ser revisadas. Talvez o insight primordial do pragmatismo americano seja o de que se pode ser, ao mesmo, falibilista e contra o Ceticismo.

Agora, isso parecerá um ato de equilíbrio delicado (alguns dirão até impossível), mas representa a situação na qual vivemos. Talvez remova um pouco do ar de impossibilidade se nós nos conscientizarmos – como Peirce, James e Dewey tentaram nos ajudar nesse processo – de que o acesso à realidade comum não exige incorrigibilidade. Da mesma forma que o falibilismo não exige que se duvide de tudo, ele somente exige que nós estejamos preparados para duvidar de algo – caso apareçam boas razões para isso! O fato de a percepção ser por vezes errônea não mostra que mesmo as percepções corretas são verdadeiramente percepções de “aparências”. E talvez também ajude se nós nos conscientizarmos que o acesso a essa realidade comum não exige acesso a algo pré-conceitual. Ela demanda, ao contrário, que nós sejamos capazes de formar conceitos compartilhados.

Alguns de vocês talvez lembrarão da controvérsia que gira em torno da interpretação da filosofia do segundo Wittgenstein. Assim como James tenta “humanizar” a noção de verdade, vê-la como instrumento humano (como ele vê todos os conceitos), e não como uma ideia que caiu do céu, Wittgenstein insiste que todas as nossas noções dependem de nossa “forma de vida”. E há também um elemento realista na filosofia de Wittgenstein. Lembro-me de uma vez que disse (erroneamente) que Wittgenstein nunca usaria uma frase como “correspondência com a realidade” e de ser interrompido por Cora Diamond que ressaltou que numa conferência sobre a filosofia da matemática³⁷ Wittgenstein diz que “Esta é uma cadeira azul” corresponde a uma realidade – embora ele só possa dizer qual realidade através do uso dessa mesma sentença. E ele nos lembra que “esses istos e aqueles para os quais podemos apontar” são nossos paradigmas da realidade. E há ainda aqueles que pensam que esse traço

³⁶ “James’s Theory of Perception” e (com Ruth Anna Putnam) “William James’s Ideas”, ambos republicados em *Realism with a Human Face*.

³⁷ Conferência XXV de *Wittgenstein’s Lectures on the Foundations of Mathematics*, ed. Cora Diamond (Chicago: University of Chicago Press, 1989).

realista (caso reconheçam a presença dele) é uma inconsistência no pensamento de Wittgenstein. Pode parecer estranho comparar a filosofia de James à do segundo Wittgenstein, considerando-se a hostilidade de Wittgenstein à metafísica e a clara tendência metafísica de James, mas, isso não é totalmente infundado: na verdade, em “The Moral Philosopher and the Moral Life”³⁸ nós encontramos James oferecendo aquilo que é claramente uma antecipação do celebrado argumento de linguagem privada de Wittgenstein, e defendendo a proposição de que “a verdade pressupõe um critério externo ao sujeito pensante”.

Essas são questões muito difíceis, e não pretendo aqui passar a impressão de que é possível achar as “respostas” na obra de James ou na obra de Wittgenstein ou de que existam “respostas” finais. Mas, vale a pena pensarmos sobre elas, e penso que o modo jamesiano de pensar sobre elas (e, de modo diferente, a maneira wittgensteiniana de pensar sobre elas) é inspirador.

Filosofia e Vida

Concluindo, deixem-me dizer que no processo de defender James da acusação de ser um pensador inconsistente, espero não ter enfatizado a complexidade e profundidade de seus argumentos a ponto de obscurecer o fato de que para James, assim como para Sócrates, a questão central da filosofia é sobre *como devemos viver*. Mas, para James assim como para Sócrates e seus sucessores, a oposição entre a filosofia preocupada com o viver e a filosofia preocupada com difíceis questões técnicas é falsa. Nós queremos ideais e nós queremos uma visão de mundo, e nós queremos que nossos ideais e nossa visão de mundo se sustentem um ao outro. A filosofia que é toda argumento alimenta uma fome irreal, ao passo que a filosofia que é toda visionária alimenta uma fome real, mas o faz de maneira insípida. Se há uma razão primordial para se ocupar com o pensamento de James é que ele foi um gênio preocupado com fomes reais, com um pensamento que, independente dos defeitos, fornece um alimento substancial para o pensar – e não apenas para o pensamento, mas para a vida.

[Esta conferência é uma versão retrabalhada de um seminário que proferi na Academia Americana de Artes e Ciência em Fevereiro de 1992.]

³⁸ Em *The Will to Believe and Other Essays*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1978. NT cf. *A Vontade de Crer*, trad. Cecília Camargo Bartalotti, São Paulo: Edições Loyola, 2001.